

“SERÁ
O
BENEDITO?”

Mostra de
Fátima Farkas,
resgata
a memória
das
lutas raciais
no Brasil

Fátima Farkas
Foto: Divulgação



“Tão sinistro quanto a violência que marca as vidas e as mortes de 4,9 milhões de negros escravizados trazidos ao Brasil é o silêncio da história ante toda a herança racista e patriarcal que permanece até os dias de hoje”.

Mauro Trindade, curador



Fátima Farkas, *Luana folhas*

Foto: Divulgação

O Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), oficializado recentemente Patrimônio Cultural da cidade do Rio de Janeiro, celebra seus 19 anos com a exposição da artista visual Fátima Farkas *“Será o Benedito?”*, com curadoria de Mauro Trindade.

Com mais de 30 telas, a mostra traz à tona personagens marcantes das lutas raciais, muitos dos quais foram esquecidos devido à herança racista e patriarcal. Farkas utiliza sua pintura expressiva para reconstruir a memória, utilizando-se de retratos fotográficos de negros.

Um exemplo é Benedito Caravelas (1805-1885), também conhecido como Benedito Meia-Légua, líder de grupos quilombolas que libertavam escravos no Nordeste e no Espírito Santo. A artista se inspira em fotografias antigas, como a de Alberto Henschel, para dar vida a esses personagens históricos.

Outros retratos notáveis incluem figuras como João Cândido Felisberto, líder da Revolta da Chibata, Luiz Gama, Nzinga,

rainha de Ndongo e de Matamba, e o premiado arquiteto burquinês Diébédo Francis Kéré. Farkas também denuncia o apagamento histórico ao substituir rostos por vegetação ou por um vazio branco, representando o sumiço de corpos e vidas.



Fátima Farkas, *Benedito Meia-Légua*

“Vendo a imagem das folhas voando em volta da minha figura pictórica, penso que sou o sonho de meus ancestrais. Sou uma mulher preta que realizou, estudou, que é remunerada e reconhecida pelo meu trabalho, me locomovo, tenho a liberdade de ir e vir com altivez. O estudo te dá isso. Gerações após gerações de gente corajosa e resiliente me trouxeram até aqui”. – Luana W. Cotrin Negreiros, personagem retratada em três telas na exposição.

Para Mauro Trindade, curador da exposição, Fátima Farkas revela esse processo de apagamento e, numa ação estética e política, propõe uma reelaboração da memória através da apropriação de retratos fotográficos de negros que recria, com beleza e dignidade, grandes personagens do passado e do presente.

Com temas tão relevantes como o esquecimento e a memória, a exposição oferece uma oportunidade especial para uma significativa reflexão sobre essa parte lamentável da história brasileira. O público é ainda recebido com uma fragrância no ar, evocativa de elementos como café, ouro, fumo e cana, que constituíam a rotina da maioria dos escravizados.



Fátima Farkas, *João Cândido Felisberto*

“Será o Benedito?” estará em cartaz no Instituto Pretos Novos de 10 de maio até 20 julho. Além de celebrar os 19 anos do IPN, a mostra também marca os 250 anos do sítio do Cemitério dos Pretos Novos, um dos mais importantes vestígios da chegada dos africanos escravizados no Brasil, que funcionou entre 1774 e 1830.

A ARTISTA

Fátima Farkas tem sua origem profissional ligada ao design, migrando depois para as artes visuais. Seu trabalho tem forte ligação a questões brasileiras étnicas e culturais, especialmente do Recôncavo Baiano. Com formação entre o Rio e São Paulo, frequentou a escola do Parque Lage e integra o grupo Contraponto, reunido no ateliê de Sérgio Fingerman.

https://www.instagram.com/fatima_farkas_art?igsh=d3c4bWRqc3ZsODI3

SERVIÇO

“Será o Benedito?” – Fátima Farkas

De 10 de maio a 20 julho

Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos

Rua Pedro Ernesto, 32-34, Gamboa, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sexta das 10h às 16h